

Diferenças entre os sexos masculino e feminino nos acidentes de trabalho notificados em Palmas, Tocantins

Differences between male and female sex in work accidents notified in a capital in Palmas, Tocantins

Tiago Veloso Neves¹, Betânia Moreira Cangussu Fonseca²

RESUMO

Objetivos: analisar os dados das notificações de Acidente de Trabalho em Palmas, Tocantins, para verificar se os homens são mais vulneráveis nesse contexto, comparados às mulheres. **Métodos:** Foram extraídos os dados das notificações de Acidente de Trabalho emitidas entre 2009 e 2019 no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, e analisados por meio do Software Bioestat 5.3, sendo utilizados o Odds-Ratio e o teste de Qui-quadrado verificar a associação entre as variáveis. **Resultados:** Foram notificados 4029 casos de Acidente de Trabalho nesse período. A maioria das vítimas (87,9%) eram homens, de escolaridade média (19,7%) e de vínculo celetista. O acidente típico foi o tipo mais comum (56%), somando os dois sexos. Homens foram aproximadamente 3 vezes mais propensos a sofrerem acidentes típicos, (OR= 2,96; $p<0,0001$) e 4 vezes mais susceptíveis a irem a óbito pelo acidente (OR= 4,30; $p<0,0001$). **Conclusões:** Homens que foram vítimas de Acidente de Trabalho em Palmas no referido período foram maioria nos desfechos indesejáveis desse evento, tanto em termos absolutos quanto em proporção, demonstrando maior vulnerabilidade. Dessa forma, faz-se necessário modificar esses sistemas de maneira a proteger esse público, agregando conhecimentos científicos e adaptando o trabalho aos trabalhadores.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Epidemiologia. Acidente de Trabalho.

ABSTRACT

Objectives: to analyze data from Work Accident notifications in Palmas, Tocantins, to verify if men are more vulnerable in this context, compared to women. **Methods:** Data from Work Accident notifications issued between 2009 and 2019 in the Notifiable Diseases Information System were extracted and analyzed using the Bioestat 5.3 Software, using the Odds-Ratio and the Chi-square test to verify the association between variables. **Results:** 4029 cases of Work Accident were reported in this period. Most victims (87.9%) were men, with medium education (19.7%) and with a CLT contract. The typical accident was the most common type (56%), including both sexes. Men were approximately 3 times more likely to have typical accidents (OR= 2.96; $p<0.0001$) and 4 times more likely to die from an accident (OR= 4.30; $p<0.0001$). **Conclusions:** Men who were victims of an Accident at Work in Palmas in that period were the majority in the undesirable outcomes of this event, both in absolute terms and in proportion, demonstrating greater vulnerability. Thus, it is necessary to modify these systems in order to protect this public, adding scientific knowledge and adapting the work to the workers.

Keywords: Worker's Health. Epidemiology. Occupational Accident.

¹ Mestre. Secretaria Municipal de Saúde de Palmas. Instituto Tocantinense presidente Antônio Carlos.

E-mail: nevestv@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9706-5980>

² Mestre. Secretaria Municipal de Saúde de Palmas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1273-0794>

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), Acidente de Trabalho pode ser definido como “Todo caso de acidente de trabalho por causas não naturais compreendidas por acidentes e violências (Capítulo XX da CID-10 V01 a Y98), que ocorrem no ambiente de trabalho ou durante o exercício do trabalho (...)”.

Acidente de Trabalho é um dos agravos relacionados ao trabalho mais comuns no Brasil. Segundo dados preliminares obtidos pelo Ministério da Economia (BRASIL 2018) junto ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), em 2017 no Brasil, foram concedidos 196.754 benefícios a trabalhadores que precisaram ser afastados devido a acidentes ou adoecimentos relacionados ao trabalho. Destes, 53,97% (106.204) foram em decorrência de traumas (fratura e/ou luxação), ou seja, se enquadraram como Acidentes de Trabalho Graves, ocupando as 4 primeiras posições entre as 20 maiores causas de afastamento. Os membros foram as regiões mais acometidas nesses acidentes. Há de se ressaltar que esse número contabiliza apenas os dados dos trabalhadores formais registrados em regime das Consolidações das Leis do Trabalho (CLT).

No estado do Tocantins, as fraturas também foram a maior causa de afastamentos, vitimando 297 trabalhadores segurados pelo INSS por mais de 15 dias. Esse valor corresponde a 39,9% de todos os casos de acidentes e adoecimentos decorrentes do trabalho registrados em 2017 (BRASIL, 2018).

Nos Estados Unidos da América, em 2019, houve 2,8 milhões de acidentes de trabalho não fatais sofridos por empregados registrados e 5333 acidentes fatais nesse mesmo ano, sendo que 92% dos óbitos foram de homens (UNITED STATES OF AMERICA, 2020a; UNITED STATES OF AMERICA, 2020b)

Diversos estudos apontaram uma predominância do sexo masculino entre as vítimas de AT (SCUSSIATO et al., 2013; NOVAIS; RIBEIRO, 2015; CARDOSO et al., 2016; ANDRADE; SANTOS, 2018; FRANZ; SANTOS, 2018; KAUSTELL et al., 2019; MISSIKPODE et al., 2019; MENEGON et al., 2021).

Diante dessas constatações, houve interesse em analisar os dados das notificações de AT em Palmas, Tocantins, para verificar se o padrão deste município é semelhante aos outros estudos e se os homens são mais vulneráveis nesse contexto, comparados com as mulheres.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional de caráter transversal (PEREIRA; GALVÃO; SILVA, 2016).

Foram extraídos do SINAN os dados de todos os casos de Acidente de Trabalho notificados em Palmas nos anos de 2009 a 2019. Esses dados foram tabulados por meio do programa Tab para Windows (TabWin) versão 4.1.5 (DATASUS) e convertidos em planilhas de Excel, sendo cada variável filtrada de acordo com o sexo dos pacientes notificados.

As variáveis extraídas e filtradas para os anos de 2009 a 2019 e por sexo foram: escolaridade, situação no mercado de trabalho, tipo de acidente (se típico ou de trajeto), regime de tratamento (ambulatorial, hospitalar ou ambos) e evolução do caso.

Foram geradas por meio do TabWin tabelas de contingência para que fosse possível calcular a Razão de Chances (ou Odds-Ratio - OR), bem como o teste de Qui-quadrado, para verificar associação entre as variáveis, sendo considerado significativo um valor de $p < 0,05$. Posteriormente, o Coeficiente Phi ($r\phi$) foi aplicado para verificar a força das associações observadas, sendo a mesma classificada da seguinte maneira: > 0.25 : muito forte; > 0.15 : forte; > 0.10 : moderada; > 0.05 : fraca; > 0 : ausente ou muito fraca (CHAN, 2003). A análise estatística foi realizada por meio do software Bioestat 5.3 (AYRES et al., 2007).

Houve uma particularidade ao analisar a variável “evolução do caso”: as categorias disponíveis para esta variável no SINAN são “Cura”, “Incapacidade temporária”, “Incapacidade permanente parcial”, “Incapacidade permanente total”, “Óbito pelo acidente de trabalho”, “Óbito por outras causas”, “Outro” e “Ignorado”. Por isso, como o campo “Incapacidade Temporária” expressa o estado do paciente enquanto seu caso ainda não foi encerrado no SINAN e, portanto, não necessariamente reflete seu estado atual, essa categoria não foi incluída na análise das tabelas de contingência. Da mesma forma foram excluídas dessa análise as categorias “ignorado”, “óbito por outras causas”, e “Outro”, visto que nenhuma dessas categorias permite saber o estado atual do paciente, e o propósito deste estudo é conhecer a relação dos sexos com o estado de incapacidade, de cura, ou no desfecho de óbito.

O uso deste banco de dados foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas (CEP-FESP) por meio do Parecer Nº 4.677.414.

3. RESULTADOS

A Tabela 1 mostra as características das vítimas de Acidente de Trabalho. Foram notificados 4029 casos de Acidente de Trabalho entre 2009 e 2019 em Palmas, Tocantins. Desses, 3542 (87,9%) atingiram homens e 487 (12,1%) acometeram mulheres. Acerca da escolaridade, a maior parte das vítimas (24,1%) possuía ensino médio completo, sendo que esse grupo foi maior entre os homens (19,7%). Infelizmente, a categoria que acumulou o segundo maior percentual foi a categoria ignorado/em branco (17,2%, ao todo), o que suscita a necessidade de continuar qualificando os profissionais de saúde acerca da importância do preenchimento adequado das notificações. Chama atenção também que as categorias “Analfabeto” e “Ensino superior completo” tenham apresentado as menores frequências dessa variável, com 1,7% e 2,1%, respectivamente, se contarmos os dois sexos.

Partindo da situação no mercado de trabalho, observou-se uma menor ocorrência de servidores públicos entre os pacientes que sofreram AT, sendo que, apesar de o sexo masculino ter predominado no total de servidores públicos acometidos por esse agravo, (Com 1,9% comparado às mulheres, com 1,7%), se considerarmos o percentual interno a cada sexo, muito mais mulheres eram servidoras estatutárias (13,8%), do que os homens (2,2%). Os tipos de vínculo empregatício mais atingidos foram “autônomo” (37,7% dos homens e 2,3% das mulheres) e “Empregado registrado” (28% dos homens e 5,2% das mulheres). Ou seja, é possível observar que mais homens dentre os acidentados encontravam-se em vínculos trabalhistas mais frágeis.

Quanto ao regime de tratamento, daqueles que precisaram ser atendidos em regime hospitalar, 79,9% eram homens, o que leva a crer que essa demanda surgiu em decorrência de lesões mais graves. Isso pode dever-se ao fato de homens executarem trabalhos mais perigosos ou de se arriscarem mais durante o gesto laboral. Esse perfil é corroborado quando se analisa o tipo de acidente, categorizado em Típico ou de Trajeto. O Acidente Típico é aquele que ocorre no ambiente ou na execução do trabalho propriamente dito. Acidentes de Trajeto são aqueles que ocorrem no caminho da casa do trabalhador para o seu trabalho, ou vice-versa, no seu trajeto regular. Acidentes típicos ocorreram mais em homens, que respondem por 51,6% destes casos. Porém, analisando isoladamente o sexo feminino, é possível compreender que o acidente de trajeto, apesar de representar apenas 8% do total de AT, representa 66,1% dos acidentes sofridos por mulheres nesse período. É possível que, como frequentemente mulheres assumem menos riscos na sua rotina de

trabalho, o momento mais vulnerável destas aparenta ser no deslocamento de ida ou retorno para o trabalho.

A variável “evolução do caso” é a que apresenta maiores limitações em termos de qualidade de registros. As categorias “Ignorado/em branco”, “Incapacidade temporária”, e “Outros” ao final do período desta coorte são fruto da falta de feedback das equipes assistenciais acerca da evolução do paciente, sendo que o campo “Outros” é marcado quando é tentado estabelecer contato com o paciente, mas não se consegue. Ao excluir-se essas categorias, obteve-se um total de 1950 pacientes, sobre os quais é possível analisar objetivamente o desfecho do Acidente de Trabalho. Destes a maioria atingiu a cura (41,1% para os homens, e 9,3% para as mulheres), ou seja, conseguiu voltar ao seu trabalho na mesma função, sem sequelas. Entretanto, 34% das vítimas desenvolveu incapacidade permanente parcial, e desses a maioria eram homens (29,8% do total, comparado com 4,1% no caso das mulheres). O óbito decorrente do acidente de trabalho foi marcadamente mais presente entre os homens, que representaram 6,3% do total de desfechos de acidentes de trabalho, mas 95,8% do total de óbitos decorrentes do trabalho.

Tabela 1: Características das vítimas de Acidente de Trabalho notificados em Palmas entre 2009 e 2019.

Variável	Condição	Sexo			%
		Masculino	Feminino		
		3542	87.9	487	12.1
	Ign/Branco	633	15.7	59	1.5
	Analfabeto	64	1.6	3	0.1
Escolaridade	1ª a 4ª série incompleta do EF	557	13.8	16	0.4
	4ª série completa do EF	179	4.4	15	0.4
	5ª a 8ª série incompleta do EF	613	15.2	52	1.3
	Ensino fundamental completo	170	4.2	6	0.1
	Ensino médio incompleto	376	9.3	31	0.8
	Ensino médio completo	793	19.7	180	4.5
	Educação superior incompleta	96	2.4	58	1.4
	Educação superior completa	56	1.4	67	1.7
	Não se aplica	5	0.1	0	-
Situação no Mercado de Trabalho	Ign/Branco	186	4.6	6	0.1
	Empregado registrado	1130	28	210	5.2

	Empregado não registrado	448	11.1	62	1.5
	Autônomo	1517	37.7	92	2.3
	Serv. Púb. Estatutário	77	1.9	67	1.7
	Serv. Púb. Celetista	39	1	27	0.7
	Aposentado	12	0.3	0	-
	Desempregado	5	0.1	1	0.02
	Trab. temporário	49	1.2	11	0.3
	Cooperativado	5	0.1	0	-
	Trab. avulso	25	0.6	3	0.1
	Empregador	26	0.6	1	0.02
	Outros	23	0.6	7	0.2
Regime de Tratamento	Hospitalar	3220	79.9	443	11
	Ambulatorial	92	2.3	25	0.6
Tipo de Acidente	Típico	2078	51.6	160	4
	Trajeto	1412	35	322	8
	Ign/Branco	162	4	15	0.4
Evolução do caso	Cura	802	19.9	182	4.5
	Incapacidade Temporária	1379	34.2	157	3.9
	Incapacidade parcial permanente	582	14.4	80	2
	Incapacidade total permanente	36	0.9	4	0.1
	Óbito pelo acidente	253	6.3	11	0.3
	Óbito por outras causas	7	0.2	0	-
	Outra	321	8	38	0.9

A Tabela 2 mostra a associação estatística presente entre o sexo e as demais variáveis do estudo, onde pode-se observar a Razão de Chances ou Odds-Ratio (OR), o Intervalo de Confiança de 95% (IC 95%) para OR, o valor de p e o Coeficiente Phi ($r\phi$). Como o sexo masculino esteve mais presente na população estudada, tomou-se o mesmo por referência, posicionando-o na primeira linha das tabelas de contingência. É possível constatar que os homens vítimas de Acidente de Trabalho são cerca de 90% menos propensos a possuírem nível de escolaridade superior. Porém, são 3 vezes mais propensos a serem trabalhadores de regimes informais (Autônomo, desempregado, empregado não registrado). Possuem aproximadamente 3 vezes mais chances de sofrerem acidentes típicos do que as mulheres, e o contrário é verdadeiro: elas possuem aproximadamente 3 vezes mais chance de sofrerem acidente de trajeto. Homens que sofrem Acidente de trabalho têm 97% mais chance de precisar de atendimento hospitalar do que as mulheres. Apesar disso, terão cerca de 40% menos chances de receber atendimento médico. Acredita-se que isso não seja especificamente por negligência profissional ou do próprio

paciente, mas porque nos casos mais graves, que são mais comuns em homens, vários deles irão falecer antes de receberem atendimento médico. Acerca da evolução do quadro, as vítimas masculinas foram 4,3 vezes mais propensas a irem a óbito do que as mulheres.

É possível observar que quase todas as associações alcançaram alta significância estatística, o que aponta para a rejeição da hipótese de independência entre o sexo das vítimas e essas variáveis. O item “Houve atendimento médico?” não apresentou significância estatística, embora seu valor tenha ficado próximo a ela ($p=0,0606$), mas isso provavelmente diz mais sobre o desfecho dos acidentes do que sobre a disponibilidade de atendimento médico aos pacientes. Quanto à magnitude da associação entre as variáveis (CHAN, 2003), foi considerada forte a associação com a escolaridade, vínculo empregatício e o tipo de acidente, moderada na associação entre o desfecho de óbito ou não óbito e fraca ou muito fraca nas demais associações.

Tabela 2: Relação entre as variáveis do estudo com o sexo das vítimas de Acidente de Trabalho

Variável		OR	IC 95%	p	ϕ
Escolaridade	Superior	0.1039	0.0717 - 0.1506	< 0.0001	0.24
	<Superior				
Vínculo empregatício	Informal	3.0432	2.4823 - 3.7309	< 0.0001	0.17
	Formal				
Tipo de Acidente	Típico	2.9617	2.4218 - 3.6221	< 0.0001	0.17
	Trajeto				
Regime de tratamento	Hospitalar	1.9752	1.2555 - 3.1073	0.0043	0.04
	Ambulatorial				
Houve atendimento médico?	Sim	0.55	0.3033 - 0.9973	0.0606	0.03
	Não				
Evolução do Caso	Incapacidade	1.6696	1.2631 - 2.2069	0.0003	0.08
	Cura				
	Óbito	4.3085	2.323 - 7.9908	< 0.0001	0.11
	Não-óbito				

4. DISCUSSÃO

Acerca da predominância masculina entre as vítimas de Acidente de Trabalho, a literatura corrobora de maneira prolífera esse perfil, tanto no Brasil quanto em outros países da região das américas e de outros continentes (SCUSSIATO et al., 2013; NOVAIS; RIBEIRO, 2015; CARDOSO et al., 2016; ANDRADE; SANTOS, 2018; FRANZ; SANTOS, 2018; KAUSTELL et al., 2019; MISSIKPODE et al., 2019; MENEGON et al., 2021). Ao longo

das últimas décadas é possível notar que as mulheres vêm avançando de maneira gradativa, porém notável, na ocupação de vários segmentos do mercado de trabalho. Entretanto, ao longo de vários países, é possível perceber que homens e mulheres têm preferências e comportamentos diferentes relacionados ao trabalho e essa diferença se sustenta interculturalmente, sendo ainda mais acentuada em países mais desenvolvidos e prósperos (SJOBERG; SCHREINER, 2010; BYARS-WINSTON; FOUAD, 2015; BAPTISTE et al., 2017; XIE; PAGE; HARDY, 2017). Essa divergência de preferência profissional já foi alvo de outra sintetização (NEVES, 2018) e é possível supor que existe um componente biológico predominante envolvido nesse padrão (UDRY, 2000; LUTCHMAYA; BARON-COHEN, RAGATT, 2002a; LUTCHMAYA; BARON-COHEN, RAGATT, 2002b; SCHMITT et al, 2008; GONG; HE; EVANS, 2011; LOMBARDO et al., 2012; CAHILL, 2014). Um dos comportamentos bastante associados ao público masculino é ser mais propenso a correr riscos, comparado com o público feminino. Por esse motivo e diante dessas evidências é possível compreender que homens também tendem a escolher profissões que envolvem risco mais frequentemente do que as mulheres, seja esse risco físico ou não (SCHMITT et al, 2008; XIE; PAGE; HARDY, 2017).

A maior propensão dos homens a arriscar-se possibilita entender o motivo destes terem maior chance de sofrer acidentes típicos do que de trajeto: é possível hipotetizar que homens se submetem a condições mais inseguras ou arrisquem-se mais durante o seu gesto laboral. Como esse comportamento é menos comum entre as mulheres, elas raramente sofrem acidentes no local ou no gesto laboral, mas no trajeto habitual de casa para o trabalho e vice-versa, onde outros fatores estão envolvidos.

Comportamentos de risco masculinos também favorecem compreender o motivo de homens serem mais propensos a ir a óbito ou precisar de atendimento hospitalar: ao se exporem mais, ficam sujeitos a sofrerem lesões mais graves. Isso é corroborado pelo fato de que as atividades econômicas e profissionais mais recorrentes nos casos de óbito por acidente de trabalho também são atividades tradicionalmente tidas como predominantemente masculinas, como caça/pesca, trabalho em madeireiras, carpintaria, construção civil, transporte de passageiros e de carga, entre outros tipos de trabalho braçal e/ou insalubres (UNITED STATES OF AMERICA, 2020b).

Outros estudos realizados em Palmas demonstram que acidentes com lesões de maior gravidade como queimaduras extensas e amputações tinham como principais vítimas trabalhadores braçais como operadores de máquinas pesadas, trabalhadores da

agricultura, pedreiros e outros trabalhadores da construção civil e o perfil dessas vítimas era predominantemente masculino (LIMA et al., 2022; PONTES et al., 2022).

Porém os fatores que podem melhor ajudar a compreender a vulnerabilidade dos homens nesse contexto talvez sejam a escolaridade e o vínculo empregatício: homens que sofrem acidentes de trabalho tem 90% menos chance de serem portadores de diploma de nível superior, o que os leva a se sujeitarem com maior frequência a desenvolverem atividades de trabalho braçais ou de maior risco laboral ou condições de trabalho mais precárias (LIMA et al., 1999; TAKAHASHI et al., 2012; SCHETTINO et al., 2020). O mesmo pode-se especular sobre a maior propensão a trabalharem sem vínculo formal e, com isso, em condições mais inseguras. A relação dessas duas variáveis com o sexo apresentou os maiores valores do $r\phi$.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos dados expostos é possível concluir que, no contexto dos acidentes de trabalho em Palmas, Tocantins, apesar de as mulheres estarem avançando gradativamente com a ocupação em diversos segmentos do mercado de trabalho até então predominantemente masculinos, homens continuam sendo significativamente mais propensos e vulneráveis que estas a atuar em trabalho com ambientes insalubres e perigosos. Esses dados refletem a literatura sobre o tema, pois o que se observa na maioria dos estudos é que há mais homens vítimas de acidentes de trabalho graves e fatais.

A propensão aos piores desfechos supramencionados pode ter, possivelmente como causa, um mecanismo de defesa onde o homem costuma apresentar baixa percepção ou negação do risco, devido a necessidade de manter o trabalho pelo instinto de sobrevivência.

Diante disso, além de monitorar os casos de Acidente de Trabalho e de fiscalizar o cumprimento de normas trabalhistas e de segurança pelas empresas e instituições, é necessário orientar esse público tentando compreender também subjetivamente sua visão de mundo, atentando-se para o caráter multicausal dos Acidentes de Trabalho e considerando a precariedade e/ou insegurança frequentemente presentes nos ambientes e sistemas de trabalho predominantemente masculinos. Dessa forma, faz-se necessário modificar esses processos de maneira a proteger esse público, agregando conhecimentos científicos e adaptando o trabalho aos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, W.S.; SANTOS, K.O.B. Internações hospitalares por acidentes relacionadas ao trabalho notificadas na Bahia. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 8, n. 2, p. 208-215, 2018.
- AYRES, M.; et al. **Bioestat 5.0 aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas**. Belém: IDSM, 2007.364p.
- BAPTISTE, D.; et al. Gender differences in academic surgery, work-life balance, and satisfaction. **Journal of Surgical Research**, v. 218, p. 99-107, 2017.
- BYARS-WINSTON, A.; FOUAD, N.; WEN Y. Race/ethnicity and sex in US occupations, 1970–2010: Implications for research, practice, and policy. **Journal of vocational behavior**, v. 87, p. 54-70, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Saúde Ambiental, do Trabalhador e Vigilância das Emergências em Saúde Pública. **Ofício Circular nº 3/2020/DSASTE/SVS/MS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.
- BRASIL. **Fraturas são as principais causas de afastamento do trabalho por acidente ou adoecimento em Tocantins**. Secretaria de Previdência e Trabalho. Ministério da Economia. Brasília, mai de 2018. [Citado em 2021 jan 13]; Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/5961-fraturas-sao-as-principais-causas-de-afastamento-do-trabalho-por-acidente-ou-adoecimento-em-tocantins>
- CAHILL, L. Equal ≠ The Same: Sex Differences in the Human Brain. **Cerebrum**, v.5, p.1-19, 2014.
- CARDOSO, M.G.; et al. Caracterização das ocorrências de acidentes de trabalho graves. **Arquiv. Ciênc. Saúde**, v. 3, n. 4, p. 83-88, 2016.
- CHAN, Y. H. Biostatistics 104: correlational analysis. **Singapore Med J**, v. 44, n. 12, p. 614-619, 2003.
- FRANZ, E.C., SANTOS, M.C.C. Análise dos agravos relacionados ao trabalho notificados no sistema de informações em saúde do trabalhador. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018.
- GONG, G.; HE, Y.; EVANS A.C. Brain connectivity: gender makes a difference. **The Neuroscientist**, v. 17, n. 5, p. 575-591, 2011.
- KAUSTELL, K.O.; et al. Occupational injuries and diseases in fish farming in Finland 1996–2015. **International maritime health**, v. 70, n. 1, p. 47-54, 2019.
- LIMA, R.C.; et al. Associação entre as características individuais e sócio-econômicas e os acidentes do trabalho em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, p. 569-580, 1999.

LIMA, A.L.V.B.; et al. Perfil das vítimas de acidentes de trabalho resultando em amputações notificados em Palmas-TO entre 2009 e 2019. **Revista Cereus**, v. 14, n. 4, p. 169-180, 2022.

LOMBARDO, M.V. et al. Fetal testosterone influences sexually dimorphic gray matter in the human brain. **Journal of Neuroscience**, v. 32, n. 2, p. 674-680, 2012.

LUTCHMAYA, S.; BARON-COHEN, S.; RAGGATT, P. Foetal testosterone and vocabulary size in 18-and 24-month-old infants. **Infant Behavior and Development**, v. 24, n. 4, p. 418-424, 2001.

LUTCHMAYA, S.; BARON-COHEN, S.; RAGGATT, P. Foetal testosterone and eye contact in 12-month-old human infants. **Inf Behav Dev.**, v.25, p. 327–335, 2002.

MENEGON, L.S.; et al. Incidência e tendência temporal de acidentes de trabalho na indústria têxtil e de confecção: análise de Santa Catarina, Brasil, entre 2008 e 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, p.1-13, 2021.

MISSIKPODE, C. et al. Characteristics of agricultural and occupational injuries by workers' compensation and other payer sources. **American journal of industrial medicine**, v. 62, n. 11, p. 969-977, 2019.

NEVES, T.V. Diferenças de sexo na escolha profissional. **Multidebates**, v. 2, n. 2, p. 28-40, 2018.

NOVAIS, D.; RIBEIRO, L.A.O. Perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho graves notificados do ano de 2011 a novembro de 2014 no município de Araguatins-TO, Brasil. **Humanidades & Inovação**, v. 2, n. 2, 2015.

PEREIRA, M.G.; GALVÃO, T.F.; SILVA, M.T. **Saúde baseada em evidências**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

PONTES, C.R.F.A.; et al. Perfil das Vítimas de Queimaduras Decorrentes de Acidentes de Trabalho em Palmas, Tocantins. **Revista Cereus**, v. 14, n. 4, p. 37-48, 2022.

SCHETTINO, S.; et al. Relação entre a ocorrência de acidentes de trabalho e a baixa escolaridade dos trabalhadores no setor florestal. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 22567-22589, 2020.

SCHMITT, D.P.; et al. Why can't a man be more like a woman? Sex differences in Big Five personality traits across 55 cultures. **Journal of personality and social psychology**, v. 94, n. 1, p. 168, 2008.

SCUSSIATO, L.A.; et al. Perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho graves no Estado do Paraná, Brasil, 2007 a 2010. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 22, n. 4, p. 621-630, 2013.

SJOBERG, S.; SCHREINER, C. **The Rose Project: an overview and key findings.** University of Oslo, 2010.

TAKAHASHI, M.A.B.C.; et al. Precarização do Trabalho e Risco de Acidentes na construção civil: um estudo com base na Análise Coletiva do Trabalho (ACT). **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 976-988, 2012.

UDRY, J.R. Biological limits of gender construction. **American Sociological Review**, p. 443-457, 2000.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Labor. Bureau of Labor Statistics. **Employer-reported workplace injuries and illnesses – 2019.** November 4, 2020.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Labor. Bureau of Labor Statistics. **National census of fatal occupational injuries in 2019.** December 16, 2020.

XIE, Z.; PAGE, L.; HARDY, B. Investigating gender differences under time pressure in financial risk taking. **Frontiers in behavioral neuroscience**, v. 11, p. 246, 2017.